

ALGUMAS APROXIMAÇÕES SOBRE ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS

Bruno Muniz Figueiredo Costa

LSC

Eixo Temático 07 – Cultura, Linguagens e Arte

“O conceito de cultura que eu defendo, (...), é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” – Clifford Geertz

Como nesta epígrafe apresentada, a cultura baseia-se em uma rede de sistemas simbólicos espacial e historicamente construídos. Funciona como sustentáculo do processo de subjetivação, uma vez que os sujeitos interagem entre si internalizando os sistemas já existentes e construindo seus próprios significados. Em grande medida, esse movimento diferencia os sujeitos e, portanto, seus grupos culturais. Paralelamente, causa mudanças no sistema cultural estabelecido.

Sendo assim, cabe pensar a condição cultural do nascimento. Não há, aqui, nenhuma intenção de reduzir a importância de seu aspecto biológico, mas sim ressaltar que uma importante condição de ser humano é ser cultural. Toda a preparação que antecede o momento do parto, todo o significado de trazer à luz um outro ser humano e as práticas orientadas *para* e *com* ele a partir do nascimento são ações culturalmente construídas. Portanto, ao nascerem, as crianças recebem um mundo resultante de toda a trajetória humana, baseada na cultura. Sua inserção ocorre em um contexto sócio-cultural pronto, que lhes é dado pelos adultos.

Nesta perspectiva, a infância pode ser pensada como espaço social determinado para as crianças viverem esta cultura já pronta. Sendo, também, representação social, podemos pensar em infâncias, que variam de acordo com contextos, mas que trazem a possibilidade da criança viver esta esfera cultural que lhe é preparada.

Ao agir com o mundo, as crianças tomam contato com a cultura de seu grupo, que passa a constituir sua subjetividade. No entanto, este não é um movimento que as coloca em uma condição passiva. Contrariamente, as crianças são sujeitos culturalmente ativos por

interferir na construção cultural de seu grupo criando seus próprios sistemas de signos e significações.

É primordialmente nas interações com seus pares que as crianças, de forma autônoma, desenvolvem práticas culturais próprias. É pelo diálogo estabelecido entre si, pelas disputas, negociações, brincadeiras, bem como qualquer outra ação entre pares, que as crianças vão deixando marcas de sua condição de sujeitos culturais no mundo.

As culturas de pares são estabelecidas, assim, em embates com a cultura já construída pelos adultos e determinada à infância. E nestes afastamentos e aproximações as subjetividades vão sendo construídas.

Considerando o que é exposto, entendo que as crianças são sujeitos de pesquisa justamente por serem crianças. E a busca por compreendê-las pode basear-se na tentativa de compreensão de seus processos e práticas culturais. É este o objeto das ciências humanas: os processos estabelecidos entre os seus sujeitos. Sendo assim, a pesquisa de cunho etnográfico pode nos levar a algumas aproximações para a compreensão destes eventos.

A etnografia vem sendo muito utilizada nas pesquisas em Ciências Humanas, sobretudo na Antropologia Cultural. Por esta estratégia de pesquisa, o pesquisador procura compreender os processos de determinado grupo cultural a partir de suas interações e privilegiando o olhar de seus sujeitos de pesquisa e suas estruturas significantes. Torna-se, portanto, importante estratégia de pesquisa adequada ao método qualitativo, privilegiando a pesquisa com os sujeitos.

“A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido, por assim dizer, a etnografia envolve ‘tornar-se nativo’”. (CORSARO, 2005, p. 446)

Para atingir o olhar dos sujeitos, o pesquisador procura “tornar-se nativo” do grupo cultural que observa. Obviamente, o início dessa tarefa não é das mais simples, uma vez que a presença de um elemento externo ao grupo existente altera suas rotinas estabelecidas e é razão de estranhamento. Daí a necessidade de tempo para o desenvolvimento da pesquisa para que o pesquisador realmente consiga participar ativamente destas rotinas.

“O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa. O material assim recolhido é complementado com outro tipo de dados, como registros escolares, artigos de jornal e fotografias”. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 16)

O desafio é ainda maior quando tratamos de etnografia com crianças. Ao iniciar minhas observações, senti uma grande dificuldade em ser reconhecido pelo grupo.

Basicamente, atribuía esta situação ao fato de ser fisicamente muito diferente destes sujeitos (estatura, peso, voz, entre outros), mas principalmente pelo fato de já ter sido criança e trazer comigo uma concepção própria de infância e do que é ser criança.

Acredito que este seja um grande equívoco inicial. O fato do pesquisador tentar tornar-se nativo no grupo de crianças não quer dizer que tenha que ser reconhecido como uma criança também. Mas antes como um sujeito que passa a compartilhar de suas interações e acaba conseguindo a compreensão dos processos pelo olhar próprio de seus sujeitos.

O momento em que o pesquisador entra em contato com a criança revela o encontro de duas trajetórias. Em uma perspectiva alteritária, a consciência da criança se aproxima de sua própria consciência pelo signo ali representado. A pesquisa que se dá *com* o outro traz consigo o dialogismo como um importante pilar. É o entrecruzamento dos discursos, pelas enunciações, que permite ao pesquisador se aproximar da consciência de seu sujeito e compreender seus significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BOGDAN, Roberto C. & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1994.

BORBA, Ângela. **As culturas da infância no contexto da educação infantil**. In: VASCONCELLOS, Tânia de. (org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. 1ed. Niterói: EdUFF, 2008.

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005. Disponível na Internet: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 25 de julho de 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed. 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira e VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

Palavras-chave: crianças, culturas de pares, etnografia.